



# A Covid-19 e o Ensino Superior

Desde os finais de Setembro que a Europa tem vindo a assistir a uma aceleração sem precedentes do número de contágios de Covid-19. Têm sido adiantadas as explicações mais variadas – algumas, como Bodas, Banquetes e Baptizados chegam a ser quase fantasiosas – para o recrudescimento tão rápido do número de contágios. Existe a explicação óbvia de que, com o final do Verão, as pessoas regressam aos seus empregos e fazem uma vida mais de interiores, onde o vírus tem melhores condições para se propagar. Essa poderá ser parte da explicação, mas não será a principal, uma vez que a generalidade dos empregos já tinha retomado no final de Agosto. Há quem fale de condições de humidade, há quem fale de uma maior displicência. No entanto, ninguém parece querer enfrentar o elefante no meio da sala, que é o papel das escolas na propagação dos vírus.

Se olharmos para a Europa como um todo, vemos uma clara correlação entre o calendário de abertura das aulas e o disparar do número de novos contágios. Um caso notável é a Itália, que este ano começou o ano

lectivo um pouco mais tarde do que os outros países, e durante umas escassas semanas parecia estar a ser poupada à segunda vaga da pandemia.

De resto, essa correlação entre a abertura das escolas e o recrudescer da pandemia faz todo o sentido. Numa sala de aulas, estão 30 pessoas numa sala fechada a respirar o mesmo ar durante pelo menos uma hora. Ainda que exista o cuidado no uso de máscaras, que sabemos que nem sempre são bem usadas, a concentração acumulada da carga viral no ar chega a um ponto em que nem as máscaras servem já de protecção. A esse facto incontornável, vem depois somar-se a natural displicência da idade no seguimento dos procedimentos de segurança recomendados.

Por outro lado, são raras as famílias em Portugal que não têm pelo menos um elemento em idade escolar a frequentar as referidas salas de aula. Desse modo, temos criado um centro de redistribuição do vírus que, potencialmente, chega a quase todas as famílias.

Claro que não serão as escolas o único mecanismo de contágio e poderão apontar-se



**JOSÉ LUÍS  
MALAQUIAS\***

CONSULTOR  
DE EMPRESAS  
INDUSTRIAIS  
MALAQUIAS@  
MALAQUIAS.EU



\* Não escreve segundo o novo acordo ortográfico.

muitos outros. Mas mais nenhum permite justificar a escala avassaladora a que o contágio chegou passados poucos dias sobre o início do ano lectivo, nem nenhum pode explicar a transversalidade do contacto em todas as classes socioeconómicas. Podem, evidentemente, apontar-se também os transportes colectivos, onde a enorme concentração de pessoas num espaço fechado também é um veículo privilegiado de contágio. É claramente um outro vector de contágio importante, mas parece também evidente que o funcionamento das escolas vai exacerbar o problema nos transportes públicos, visto que a população escolar é uma utilizadora privilegiada dos transportes colectivos, cuja afluência aumenta enormemente com o começo das aulas. Assim, são dois importantes mecanismos de contágio que se potenciam entre si.

Pelos motivos acima descritos, deveria estar a ser debatida a possibilidade de suspender o ensino presencial, com o fim de achatá-lo a curva de contágio e tornar a pandemia mais manejável. Talvez fosse mesmo possível, pela retirada desse vector de contágio, preservar alguma actividade económica, contribuindo para que a recessão não fosse tão intensa. Não se pretende com isso, obviamente, dizer que a actividade lectiva é menos importante do que a actividade económica. Longe disso. Porém, se nada for feito quanto ao crescimento dos contágios, em breve teremos de suspender ambas, pelo que não se trata de sacrificar uma pela outra, mas sim de agir de forma a preservar o máximo da normalidade. É de bom-senso começar pelos factores de contágio mais importantes e ir depois avançando progressivamente até às outras vias de contágio de importância decrescente. Isso sem prejuízo, claro está, de continuar a privilegiar o teletrabalho em todas as actividades onde ele seja praticável e de reduzir ou

eliminar todas as actividades de maior risco.

No entanto, a suspensão das aulas presenciais coloca desafios muito importantes. A experiência da suspensão das aulas presenciais na Primavera não correu nada bem. Foi opinião unânime que as aulas, na forma como foram dadas, não produziram resultados satisfatórios e foi considerado um período lectivo perdido.

Parece claro que a principal falha do método de estudo adoptado na Primavera foi o ter-se tentado transpor directamente para o

Zoom ou o Teams as aulas que antes eram ministradas numa sala de aula. Achou-se que um professor a debitar a aula para uma turma passiva – o modelo que as nossas escolas seguem há mais de 200 anos – seria a transposição lógica das aulas para o novo meio. Isso, porém, não tem em conta

o facto de as salas de aulas físicas proporcionarem um canal rico de comunicação não verbal bidireccional, entre professor e aluno, canal esse que deixa de estar presente numa sessão de aulas remota. O professor não tem acesso aos sinais emotivos emitidos pelos seus alunos, não pode passear pelo meio da sala, de modo a observar as reacções e as atitudes dos alunos e não tem, pois, um sinal de realimentação (*feedback*) que lhe permita modular a sua mensagem lectiva. Por outro lado, os alunos não têm acesso à linguagem corporal do professor, nem a muitas das tonalidades emotivas da sua mensagem.

Não seria, portanto, sensato repetir o mesmo modelo que não se mostrou à altura da primeira vez. Temos de encontrar outro. Ora, o Ensino Superior, pela sua maior autonomia pedagógica e maior flexibilidade, poderia ser pioneiro na adopção de novas formas de ensino. Cabe ao Ensino Superior abrir o caminho a novas formas de aprendizagem e de investigação das formas como o conhecimento pode melhor ser transmitido. ▶

**“Se lhes formos perguntar onde adquiriram esses conhecimentos, as respostas tendem a ser «no YouTube», «no Google», «na Wikipédia», «no TikTok»”**

Ora, sucede que os nossos alunos já há muito que dominam uma plataforma de ensino de elevado sucesso. Se observarem os vossos alunos universitários, constatarão que eles, antes mesmo do seu ingresso no Ensino Superior, dominam conhecimentos que não foram seguramente adquiridos nem com os pais nem numa sala de aula. Vemos hoje jovens que dominam as técnicas de maquilhagem mais apuradas. Conhecem estratégias de vitória em jogos de computador cuja complexidade supera em muito a de algumas cadeiras. Outros, sabem programar a um nível profissional desde os 15 anos. Vemos jovens a cozinhar pratos *gourmet* com requintes ao alcance de poucos restaurantes. Esses são apenas alguns exemplos óbvios, mas a variedade surpreendente de conhecimentos extracurriculares dos nossos alunos é avassaladora. Se lhes formos perguntar onde adquiriram esses conhecimentos, as respostas tendem a ser «no YouTube», «no Google», «na Wikipédia», «no TikTok», «numa explicação publica-

Superior, está muito mais bem-apresentado, de forma mais rica, numa dúzia de fontes disponíveis online. O que o professor tem e nenhuma fonte de conhecimentos pode ter, é um conhecimento individualizado da mente do seu aluno, da sua personalidade, dos seus objectivos de aprendizagem e das suas dificuldades individuais. Além disso, o professor conhecerá uma gama mais alta de fontes de informação fidedigna e curada, fruto da sua própria experiência de busca de novos conhecimentos.

Se tivermos em conta esses factores, estamos em condições de pôr em prática uma nova metodologia de ensino que se coaduna muito melhor com o ensino remoto. Em lugar de dividirmos os alunos em turmas de 30-300 alunos, podemos dividi-los em grupos de ensino de 5-6 alunos, agrupados de acordo com os seus objectivos de aprendizagem e com a sua capacidade e autonomia didáctica. Em lugar de aulas, o professor pode conduzir reuniões individuais com cada grupo, em

***“podemos dividi-los em grupos de ensino de 5-6 alunos, agrupados de acordo com os seus objectivos de aprendizagem e com a sua capacidade e autonomia didáctica”***

da por um colega». Sem nos apercebermos, a geração Z tem acesso às maiores fontes de conhecimento do mundo e não têm a menor dificuldade em usá-las. Cada dia que passa, milhões de vídeos são vistos, milhões de conhecimentos são trocados e milhares de milhões de linhas de texto são lidas (os jovens podem não ler livros, mas que ninguém diga que não lêem nada).

A única coisa que falta para que esse estudo – que já hoje ocorre –, seja estruturado, é ser acompanhado e direccionado. Neste momento, é um estudo casual e com objectivos que navegam muito ao sabor do vento. Ora, é aí que os professores podem ter um papel fundamental. O papel de um professor já não é o de debitar conhecimento. Qualquer conhecimento explícito que um professor possa transmitir numa aula, mesmo do Ensino

que define os temas de estudo a serem desenvolvidos e as possíveis fontes que podem ser consultadas. O professor define ainda a lista de conhecimentos que espera que cada estudante possa adquirir no decorrer do período de estudo até à reunião seguinte. Finalmente, o professor pode dar aos alunos um questionário de auto-avaliação, para que eles possam avaliar se estão a conseguir ir ao encontro dos objectivos delineados pelo professor. Numa sessão subsequente, o professor irá discutir com o grupo ou, se necessário, com alunos individuais, os conhecimentos que foram adquiridos. Irá avaliar, com uma discussão oral, aquilo que cada aluno reteve. Com base nessas conclusões, poderá dar medidas de estudo correctivas, onde houver falhas, ou passar ao módulo seguinte, quando sentir que os objectivos foram atingidos. Entre



PHIL ROEDER/VISUALHUNT

sessões, os alunos, individualmente ou em grupo, irão promover a sua própria pesquisa de fontes, recorrendo às suas plataformas de eleição e às fontes que o professor tiver sugerido. Irão desenvolver um estudo autónomo, mas balizado pelos objectivos definidos pelo professor.

Os módulos de aprendizagem não podem ser muito longos, sob pena de o aluno se dispersar e procrastinar a aprendizagem. A interactividade com o professor terá de variar entre o semanal e o quinzenal, dependendo também do número de docentes disponíveis para cada cadeira. O objectivo, no final, seria que cada aluno dedicasse ao estudo o mesmo tempo que hoje dedica, entre as aulas e o estudo individual, e que cada professor dedicasse às sessões interactivas e à preparação dos planos, o mesmo tempo que hoje dedica à preparação e leccionação das suas aulas.

O modelo assim proposto seria absolutamente escalável, poderia ser realizado

com os recursos humanos actuais e não seria muito afectado pela distância física entre professores e alunos. Mas, sobretudo, seria um modelo que iria explorar o filão da curiosidade natural que os alunos já hoje mostram pelos mais diversos assuntos. Iria apenas tentar lapidar esse diamante em bruto da curiosidade humana, conferindo-lhe um determinado rumo, uma estrutura e os incentivos necessários. O docente dedicasse apenas à sua maior mais-valia, que é a sua capacidade de orientar. •